

Polissemias: o corpo múltiplo e as suas representações

entre textos

16

Valentina Almeida

POLISSEMIAS: O CORPO MÚLTIPLO
E AS SUAS REPRESENTAÇÕES

Abril de 2010

UNIVERSIDADE LUSÓFONA
| Instituto de Ciências da Educação



Valentina de Almeida

Universidade Aberta

Resumo

polissemias: o corpo múltiplo
e as suas representações

Este texto analisa as representações corporais e os limites da sua representabilidade, numa sociedade predominantemente visual. Tendo em consideração, por um lado, os contributos teóricos de Michel Foucault e, nomeadamente, a sua noção de corpo dócil e, por outro lado, o conceito de um corpo vivido, postulado por Merleau-Ponty, reflecte-se sobre a forma como o corpo social e “construído” interage com o meio e sobre a possibilidade de se construírem definições precisas e estáveis de uma noção de corpo. O meio escolar é palco privilegiado para a investigação de representações normativas e estereotípicas do corpo, bem como para o estudo das consequências da padronização social de corpos idealizados.

Palavras-chave: imagética corporal; representação; identidade; estereótipo; género

Abstract

POLYSEMIES: THE MULTIPLE BODY AND ITS REPRESENTATIONS

This essay examines bodily representation and the challenging of its limits under the scrutiny of a predominantly visual society. Relying on the writings of Michel Foucault

(namely on his concept of “docile bodies”) and on the concept of a lived body developed by Merleau-Ponty, this text considers the ways in which the body as a social construct interacts with its environment while it questions the possibility of defining a stable and fixed body. Schools are a privileged space for researching normative and stereotypical representations of the body as well as for analyzing the consequences of a social standardization of idealized bodies.

Key-words: body imagery; representation; identity; stereotype; gender

Introdução

Esta reflexão surge no seguimento de um trabalho de investigação sobre as diferentes possibilidades de representação do corpo nos textos de Sylvia Plath (1932-1963) e de Muriel Rukeyser (1913-1980). Como resultado dessa investigação, foi defendida, no ano de 2008, a tese de Doutoramento intitulada: *Itinerários da Representação do Corpo: Um Olhar sobre as Obras de Sylvia Plath e Muriel Rukeyser*. Embora o núcleo central da investigação visasse o texto literário, as áreas investigadas acabaram por abranger campos mais vastos, com particular ênfase no progressivo e rápido desenvolvimento de uma cultura contemporânea onde, no espaço quotidiano, o visual predomina enquanto o sensório se esbate. Este predomínio do óptico na cultura ocidental moderna (disputado por filósofos como Merleau-Ponty, como Martin Jay demonstra em *Downcast Eyes: The Denigration of Vision in Twentieth-Century French Thought*) tem consequências na representação e percepção da realidade corporal. De facto, o corpo contemporâneo, sob o prisma do olhar observador ou do olhar que simplesmente devaneia, é apercebido como uma superfície de inscrição de signos, como mapa visual de diferentes leituras ou como objecto de fruição estética. É uma leitura/percepção que assenta, afinal, numa “desmaterialização” do corpo em prol de uma apresentação superficial do mesmo e em que o visível ocupa, no campo da significação, o papel de identificação e clarificação de um todo. Ou seja, em que o olhar é passível de apreender a totalidade corporal. Esta é, todavia, uma posição perspéctica que ilude a sensibilidade motora ou táctil, a faculdade olfactiva ou a experiência auditiva, tão importantes para a formação da percepção corporal como Merleau-Ponty refere:

Le corps est notre moyen général d’avoir un monde. Tantôt il se borne aux gestes nécessaires à la conservation de la vie, et corrélativement il pose autour de nous un monde biologique; tantôt, jouant sur ces premiers gestes et passant de leurs sens propre à un sens figuré, il manifeste à travers eux un noyau de signification nouveau: c’est le cas des habitudes motrices comme la danse. (Merleau-Ponty, 2001, 171)

Este investimento na totalidade do corpo sensorial, como factor de conhecimento, redefine e procura, então, superar o “modern visualist paradigm” de influência cartesiana. (Jay, 1994, 70)

Tendo sido também este um aspecto a que as autoras estudadas não foram insensíveis, sublinha-se o particular empenho de Muriel Rukeyser (escritora, poetisa, ensaísta, argumentista, dramaturga, tradutora, professora, activista política) pelo retorno a uma valorização da componente sensitiva, emocional e táctil do corpo. Com efeito, para Muriel Rukeyser, esta surge enquanto aliada e complementar à componente visual e contribui para a totalidade perceptiva. Ao invés da secundarização recorrente do seu valor cognitivo na sociedade contemporânea, Rukeyser reinveste-a de uma capacidade compreensiva e interactiva que anula as fronteiras sensoriais. Em “Effort at Speech Between Two People”, quarto poema da sequência “Poem Out of Childhood”, Rukeyser exemplifica como o tacto, a oralidade e a percepção do Outro são elementos análogos e complementares no intuito comunicativo, ou seja, em que o corpo comunica num plano simultaneamente verbal e epitelial:

: What are you now? If we could touch one another,
if these our separate entities could come to grips,
clenched like a Chinese puzzle... yesterday
I stood in a crowded street that was live with people,
and no one spoke a word, and the morning shone.
Everyone silent, moving.... Take my hand. Speak to me. (Herzog e
Kaufman, 2005, 10)

Na ligação física, sensória e emocional entre o indivíduo e o espaço que este habita, o papel cognitivo do corpo assume, assim, uma preponderância maior. Consequentemente, uma coerente articulação corpo/espaço permite a construção de uma representação corporal mais harmoniosa de si. No plano oposto, um desinvestimento afectivo em relação ao espaço surge, frequentemente, em conjugação com uma imagem corpórea, também ela, desadequada de si. Esta relação corpo/espaço adquire um peso considerável na adolescência e, consequentemente, na interacção com o espaço escolar. Como Deborah Lupton elucida em *The Emotional Self* (e sintetizando a posição de pensadores como Merleau-Ponty), a sociabilidade, o interagir com o Outro e o próximo estão intimamente ligados às emoções, à percepção topográfica e à representação corporal de si:

For writers adopting the phenomenological perspective, the experience of emotion is viewed as integral to our selfhood and the ways in which we assess and deal with others, including in moral terms. (...) For phenomenologists, an individual's 'lived experience', or the self-understandings and judgment built up from an individual's membership of

and experiences in a particular social milieu, is the key to the emotional experience. (Lupton, 1998, 21)

De que falamos, contudo, quando nos referimos a um corpo? Poderá este existir apenas enquanto entidade biológica, definível e estável ou configura-se, antes, como corpo social e cultural, plurissignificativo e instável, como tem sido até aqui implicitado? Considerando o suporte físico e biológico por detrás de um construto social, que consequências pode ter a preponderância de uma cultura visual na percepção do corpo, no âmbito da formação escolar e cívica? E, por último, neste espaço limiar do corpo enquanto superfície visual e na sua passagem para a transitoriedade de um objecto virtual, qual o papel do professor perante as novas formas de comunicação, representação e socialização dos corpos, permitidas pela Internet e pelas ferramentas de tratamento e manipulação de imagem, cada vez mais acessíveis e acedidas?¹

Num plano ainda mais alargado, a própria imagem de si pode, nos dias de hoje, superar o imediato reflexo especular e sustentar-se em fotografia ou vídeo tratados digitalmente ou reimaginados através de técnicas de *morphing*. A alteração digital constitui-se também em processo de criação e difusão de uma imagem corporal modelar nas capas de revista, nos editoriais de moda, nos cartazes publicitários, através de programas como o agora banal *Photoshop*, que popularizam um ideal estético de um corpo ausente de poros, imperfeições, sombras ou rugosidades. Um corpo real, enquanto pertença de alguém, e fictício, enquanto máscara quimérica dessa entidade.

Um primeiro ponto, então, em análise consiste na tentativa de definição do objecto corporal, nas suas semelhanças e diversidades. Esta afirmação de igualdade e diferença advém da necessidade de encontrar paradigmas de universalidade numa entidade física e material, reconhecendo, todavia, que o corpo comporta características que o descrevem ou interpretam como feminino, masculino, infante, adulto, sénior, europeu, asiático, etc. Contudo, estas categorizações não são também elas estanques ou isentas de problematização. A identificação do corpo biológico encontra-se sujeita ao olhar cronológico, dependente de progressos médicos mas também de transformações sociais e culturais. Caso paradigmático desta correlação é o emergir do género feminino enquanto detentor de uma biologia própria no século XVIII, como Thomas Laqueur

¹ Pense-se na popularidade e volatilidade das redes sociais do ciberespaço, como o decano *Myspace*, o corrente *Facebook*, o mais recente *Twitter* ou o novíssimo *Google Buzz*.

nota, contraditando a anterior e estável noção da anatomia feminina como uma versão interior e especular da anatomia masculina:

Galen, who in the second century A.D. developed the most powerful and resilient model of the structural, though not spatial, identity of the male and female reproductive organs, demonstrated at length that women were essentially men in whom a lack of vital heat – of perfection – had resulted in the retention, inside, of structures that in the male are visible without. (Laqueur, 1992, 4)

O investimento nos estudos anatómicos e a clarificação das estruturas orgânicas femininas, passando também pela sua renomeação,² acarreta outras consequências, quando essa percepção da diferença passa a acolher o suporte da ciência. A descoberta desta unicidade, associada à novel psicanálise do século XIX, predispõe a um novo investimento científico na identificação de doenças que reúnam as duas componentes e que se tornam marcadamente “femininas”, como a “redescoberta” da histeria pelo neurólogo francês, Jean-Martin Charcot. A doença psicossomática ganhava um nome e o feminino tornava-se, com o aval da ciência, o lugar próprio para a simbiose entre emoção e corpo, incapaz da racionalidade divisória que o masculino poderia impor, afastando o sentimento e as emoções do campo do raciocínio. Descontrolo por oposição a controlo. Desalinho por oposição a ordem.

O investimento educativo do século XIX também não ignorou estas condicionantes, diferenciando e dificultando o ensino regular e normalizado das jovens, posicionando-as, de antemão, perante um horizonte de expectativas aquém do que se esperaria para os seus jovens colegas masculinos. Diferenciações curriculares marcaram, assim, em termos pessoais e profissionais, o percurso escolar feminino. No caso português, por exemplo, essa diferença mantém-se até à “universalização” e uniformização dos currículos em termos de género, que vai tomando forma com a, comumente designada, *Reforma Veiga Simão*. Da diferenciação anterior, relembra-se a existência de áreas profissionais de frequência exclusiva feminina, como as aulas de Economia Doméstica.

Assinalando também essa distinção clínica, Susan Bordo, em “The Body and Reproduction of Femininity” (Bordo, 1992), por exemplo, nota como certas doenças

² Language marks this view of sexual difference. For two millennia the ovary, an organ that by the early nineteenth century had become a synecdoche for woman, had not even a name of its own. (Laqueur, 1992,4).

frequentemente atribuídas às mulheres obedecem a momentos históricos precisos, sugerindo que se inserem numa prática de fiscalização e monitorização do feminino, exercida pelo corpo médico, e conducente, num âmbito mais vasto, à manutenção do controlo de um “instável” feminino sob uma hegemonia masculina. Enquanto a neurastenia e a histeria surgem na segunda metade do século XIX, num momento em que se alinham os primeiros movimentos de sufragistas, por volta da década de Cinquenta do século XX, nos Estados Unidos, são os diagnósticos de agorafobia que se tornam cada vez mais frequentes. O aumento destes diagnósticos coincide, então, à época, com o esforço da ideologia dominante na promoção do retorno à domesticidade por parte das mulheres que, durante o período da Segunda Guerra Mundial, tinham ocupado os lugares em fábricas, empresas e universidades, deixados vagos pelos homens recrutados para a frente de combate.

A partir dessa época, com o recuperar nos anos Setenta de uma figura modelar feminina mais esbelta e frágil, sobrevêm os casos de anorexia e bulimia, na tentativa de encontrar um corpo próprio que replique o corpo publicitado como ideal estético e na popularização do diagnóstico médico e da prática entre as adolescentes e mulheres já adultas. (*Ibidem*). A anorexia e a bulimia, aliás, tornam-se estratégias de controlo de um corpo que se entende disforme ou cuja imagem mental se apresenta distorcida e, paradoxalmente, apresentam-se como formas de poder pessoal sobre a matéria física, da vontade cerebral sobre a carne material. A obsessão com a contabilização de calorias ingeridas revela o domínio de si que as jovens (e as menos jovens) entrevêm como evidência da sua superação da falibilidade individual e constituem uma forma de pressão entre pares.

Esta correlação entre o corpo feminino e certos distúrbios do foro psicológico implica que a certificação de uma identidade feminina a um corpo o torna, à partida, condicionado em termos de campos de acção e em termos de expectativas sociais e intelectuais, como nota Toril Moi:

Science has taken the place of theology or natural philosophy, and biology, as the science of the body, has been drafted into ideological service. Scientific truth, not divine revelation, is supposed to keep women in their place. (Moi, 2001, 11)

Os anos Setenta do século XX, com o ressurgir de um movimento feminista apoiado desta vez por interpretações científicas em se podem agora também encontrar vozes

femininas, são o momento indicado para que se revisitem velhos conceitos e associações anacrónicas. À secundarização histórica do corpo feminino como veículo de poder, substitui-se um reconhecimento e uma valorização deste enquanto espaço único gerativo. O essencialismo biológico em que se funda esta perspectiva tem, no entanto, o efeito perverso de reforçar e enfatizar o corpo como uma matéria fechada, determinada à nascença e em que, afinal, os papéis sociais derivam de um condicionalismo inato:

As Jaggar notes, contemporary radical feminist writings abound with references to ‘the power inherent in female biology’, ‘the creative power that is associated with female biology’, and the ‘native talent and superiority of women’. In these accounts, there is the repeated suggestion that women’s special powers lie in their closeness to nature, which exists by virtue of their power to give birth. (...)

Feminists in the late 1970s argued that biologically innate ‘talents’, such as the ability to give birth and rear children, needed to be fully recognized and rewarded in order for women to reach a position of social equality. Here, social equality refers to women’s *different role* being of *equal worth* to men’s work. (Shilling, 2003, 54)

Mas esta diferenciação biológica em duas categorias consistentemente distintas (feminino e masculino) também deixou de ser palco de uma leitura unívoca. Correntemente, a complexidade que enquadra as definições de género e de sexo biológico parece subalternizada pela pluralidade e diversidade que o género humano pode consubstanciar. Como reflexo de alterações sociais, investimentos da medicina e da psicologia, podem hoje redefinir-se percepções de corporalidades e representações. Uma certa flexibilização a nível dos currículos académicos, a par com uma sociedade diversificada e multicultural, tem permitido que surjam, em países como os Estados Unidos, estudos universitários em áreas específicas, que claramente espelham essa complexidade. Pense-se, por exemplo, em programas universitários em *Transgender Studies* para se compreender como a atribuição de uma identidade feminina ou masculina a um corpo não fica resolvida pela substituição da nomenclatura “sexo” por “género”.

Uma consulta rápida permite também encontrar facilmente outros campos de difícil e absoluta estanquidade: African-American Studies, Asian American Studies, Native American Studies, Latin American/Chicano Studies, Chicano/Chicana Studies, Jewish Studies, Women Studies ou Women and Gender Studies. Perante estas áreas curriculares, onde incluir um escritor como Piri Thomas (Juan Pedro Tomás), nascido no Harlem espanhol, em 1928, filho de pais Cubanos e Porto-riquenhos e que narra, na

sua autobiografia *Down These Mean Streets*, as dificuldades experienciadas, nos Estados Unidos, por quem conjuga um tom de pele a indiciar raízes africanas e um nome espanhol?

Este breve excurso apenas pretende reflectir sobre a impossibilidade de escrever um corpo sem história, mesmo quando nos referimos ao corpo biológico. Existindo num contexto social, cultural e histórico, o corpo biológico é sujeito às interpretações que dele são feitas à luz do tempo e do espaço em que se insere (de que a experiência de Piri Thomas é, sem dúvida, um exemplo).

Marc Augé, por exemplo, no seguimento da distinção feita por Michel de Certeau entre espaço e lugar, enfatiza a importância do conceito de espaço – algo que é experienciado e marcado pela presença de um corpo e que marca o corpo que o experiencia – e recorda a relação fundamental e simbiótica entre os dois. Se o espaço reflecte os corpos que o habitam, também o corpo pode remeter para uma “cultura” espacial, geográfica, local ou cosmopolita:

A distinção entre lugares e não-lugares passa pela oposição do lugar ao espaço, noções essas de que Michel de Certeau propôs uma análise que constitui, neste caso, um preliminar obrigatório. (...) Para ele, o espaço é um “lugar praticado”, um “cruzamento de corpos móveis”: são os que andam a pé que transformam em espaço a rua geometricamente definida como lugar pelo urbanismo. À relação entre o lugar como conjunto de elementos que coexistem numa determinada ordem, e o espaço enquanto animação desses lugares pela deslocação de um móbil, correspondem várias referências que lhe especificam os termos. A primeira referência é a Merleau-Ponty que, na sua *Phénoménologie de la perception*, distingue do espaço “geométrico” o “espaço antropológico”, enquanto espaço “existencial”, lugar de uma experiência de relação com o mundo por parte de um ser essencialmente situado “em relação com o meio”. (Augé, 1998, 85-86)

E, numa era de crescente globalização, a ligação que se estabelece entre um corpo e um espaço não pode já ser vista apenas na perspectiva “microgeográfica” da comunidade ou da nação, mas numa percepção transnacional em que os corpos “desterritorializados” formam novas relações com o espaço envolvente:

The story of mass migrations (voluntary or forced) is hardly a new feature of human history. But when it is juxtaposed with the rapid flow of mass-mediated images, scripts, and sensations, we have a new order of instability in the production of modern subjectivities. As Turkish guest workers in Germany watch Turkish films in their German flats, as Koreans in Philadelphia watch the 1988 Olympics in Seoul through satellite feeds from Korea, and as Pakistani cabdrivers in Chicago listen to cassettes of sermons recorded in mosques in Pakistan or Iran, we see moving images meet

deterritorialized viewers. These create diasporic public spheres, phenomena that confound theories that depend on the continued salience of the nation-state as the key arbiter of important social changes. (Appadurai, 2005, 4)

Assim, se antes mencionávamos a problemática da identidade feminina/masculina, não podemos esquecer estas outras variáveis que ajudam a complementar a representação corporal: tonalidades epidérmicas, categorizações ou segmentos etários, considerações estéticas ou morfológicas, identificações geográficas e sociais. Base física sujeita a interpretação, onde a fronteira entre o biológico e o social é mais flexível do que se poderia suspeitar, o corpo anatómico serve então de suporte a leituras e formatações, também elas variáveis e incertas. Formatações essas que, para Michel Foucault, sublinham a sua permeabilidade à influência social, apontando para a existência de um corpo enquanto construção social, dependente do olhar que o classifica e moldável através de práticas e regulamentos (Foucault, 2001, 208, 251).

Mas apesar da “docilidade” deste corpo proposto por Foucault, há paradigmas físicos que, por vezes, se revelam de difícil superação, quando se cria a representação corporal de um Outro, no qual se apõe e se descobrem diferenças anatómicas, por sua vez, lidas ou reinventadas como uma diferença racial, social, cultural e/ou religiosa.

Estes constrangimentos não estão ausentes do contexto escolar (espaço, hoje em dia, de comunicação intercultural e multicultural) em que, apesar dos avanços em termos de uma maior atenção às diversidades corporais que a compõem, a representatividade de figuras que não se enquadram nos padrões, entendidos como modelares, é ainda diminuta. Ou seja, ignorando um mosaico de pluralidades real e fluido (uma vez que a própria identidade é fluida), repete-se a figuração de uma realidade corporal suposta e erroneamente estática e homogênea, em que imperam modelos estéticos e culturais padronizados e hegemónicos.

No contexto do Ensino das Línguas Estrangeiras, enquanto se debate a questão da ética na imagem publicitária, no seguimento dos conteúdos programáticos instituídos, pressente-se a imanência da uniformidade estética nas preferências dos publicitários ou do que se assume ser a preferência estética do público consumidor. A improbabilidade da representação do Outro, do que foge ao padrão ou do que se afasta da norma na atribuição de papéis sociais conforta “certezas” sobre o Belo, o “normal” ou o expectável. E, simultaneamente, pulveriza certezas sobre identidades que não se

conformam ao normativo e amplia inseguranças perante a construção frágil da imagem de si na adolescência.

O discurso e a imagem publicitária podem, ainda que indirectamente, contribuir também para esse reforço da percepção da alteridade quando colocam os corpos / identidades não idealizadas ou hegemónicas em situações de evidente sucesso e integração social ou em que a sua representação “escapa” ao estereótipo que lhe é normalmente associado. Contudo, essas campanhas partem, afinal, do pressuposto que esse estereótipo é reconhecido intuitivamente por quem observa a imagem ou o anúncio e que a situação apresentada apenas se realiza no domínio da ficção publicitária, enquanto estratégia de choque ou surpresa. Ou seja, que no mundo “real”, esse deslocamento ficcional não existe.

Como referido, a proliferação de imagens virtuais e representações corporais “trabalhadas” pelas novas ferramentas tecnológicas revelam, assim, uma ainda maior instabilidade na definição de corpo e permitem uma maior incredibilidade perante a sua representação.

Donna Perry foca esta questão da representatividade corporal no texto e no contexto escolar, no âmbito dos contos e narrativas que, frequentemente, os estudantes americanos encontravam nos seus currículos:

Thus, women students of American literature were pressured by androcentric texts and literary interpreters, their instructors, to identify with the individualistic, independent quests of Huckleberry Finn and Captain Ahab, to accept the Hemingway hero's competitive code as the only valid rule of conduct. We learned that male experiences like hunting, whaling, or scoring sexual conquests were significant; women's experiences of mothering, homemaking, and forming friendships with other women were insignificant because invisible. Male values like competitiveness and individualism were desirable; female nurturance and cooperation were ignored or scorned. Strong women characters, when they appeared, were judged in terms of their relationships with male characters and were evaluated by male standards; successful women writers were labelled manly (e.g., George Eliot, Willa Cather) or eccentric (e.g., Emily Brontë, Emily Dickinson). (...) Showalter credits her women students' timidity and insecurity to the fact that they rarely see their “own perceptions and experiences... confirmed in literature, or accepted in criticism”. (Perry, 1992, 298)

Esta realidade é facilmente traduzível para outros espaços culturais, pelo peso de um cânone literário masculino que esconde e subalterniza textos que possam apresentar

outras cartografias corporais e outras possibilidades espaciais que não as que tradicionalmente aparecem reservadas aos corpos feminino e masculino, no mundo ocidental. Não nos referimos apenas à transposição linear de papéis sociais atribuídos a um ou a outro género, a uma outra identificação étnica, a grupos etários ou a grupos profissionais para os manuais escolares. Falamos de uma representação corporal em contexto mais alargado, com a certificação que lhe é conferida pelo texto literário, na apreensão de uma tradição que este pode importar ao leitor. Ou seja, a apreensão de uma realidade literária em que o corpo a quem é atribuída, por exemplo, uma identidade feminina está, frequentemente, confinado a um espaço de domesticidade e passividade, enquanto ao corpo a quem é atribuída uma identidade masculina é confiada a tarefa empreendedora e exterior às fronteiras do lar. Remetido, assim, um para a intimidade do pequeno espaço, enquanto o outro é identificado com a mobilidade e com a vertigem das grandes expansões.

Embora o panorama curricular português tenha sofrido alterações, de certa forma, estas representações do feminino, do masculino ou de diferentes grupos (sociais, étnicos, religiosos) continuam a ser transferidas, por vezes de forma mais subliminar, para o cinema ou para a produção televisiva, para as revistas e para a publicidade, conferindo-lhes credibilidade e fomentando a percepção, consciente ou inconsciente, de que são a norma a que o indivíduo se deve ater no seu processo formativo.

Embora já um pouco distante no tempo, Sylvia Plath registava no seu diário, em entrada de Julho de 1951, as seguintes palavras, testemunhos evidentes desta percepção de um espaço público e de um espaço privado, com regras e acessos próprios e que ainda podem encontrar eco nos tempos presentes:

From the moment I was conceived I was doomed (...) to have my whole circle of action, thought and feeling rigidly circumscribed by my inescapable femininity. Yes, my consuming desire to mingle with the road crews, sailors and soldiers, bar room regulars – to be part of a scene, anonymous [sic], listening, recording – all this is spoiled by the fact that I am a girl, a female always in danger of assault and battery. (...) Yet, God, I want to talk to everybody, to travel west, to walk freely at night... (Kukil, 2000, 77).

Arleen B. Dallery, por exemplo, refere o trabalho efectuado nos Estados Unidos no sentido de recuperar a literatura que, até aí, havia sido “esquecida” ou apagada das obras de estudo a considerar ou até do cânone literário:

American academic feminism (Women's Studies) began with the perception that women's experiences, history, and voice were absent from the disciplines of western knowledge and art. (...) To remedy this 'deafening silence' (...) feminist social scientists studied women as research subjects; feminist historians, using nontraditional sources and methods, sought to reconstruct the everyday life of women in different class locations; and feminist literary critics resurrected the works of women writers who had been marginalized by the male canon. (Dallery, 1992, 53)

Não nos parece, porém, que esse trabalho de redescoberta de vozes “silenciadas” ou de reanálise das representações corporais e sociais no cânone literário ou nos currículos escolares seja da competência, exclusiva, de investigadoras mas que deva constituir antes um trabalho plural, em que as palavras de quem investiga, independentemente do género, do grupo social ou geográfico, possam ser ouvidas e reconhecidas.

Em jeito de conclusão, parece-nos necessária uma maior atenção a um conceito de corpo e identidade que são fluidos e determinados socialmente e em que as suas representações informam diferentes leituras. Apesar da existência de alguns estudos, com preocupações igualitárias, sobre as representações corporais estereotipadas (feminino/masculino) nos manuais escolares, seria, talvez, desejável uma análise mais aprofundada que procure ver além do estereótipo e da discriminação em termos de género nos manuais e considere, igualmente, as representações hegemónicas nos textos e nos programas escolares. Partir de uma posição perspéctica que pondere sobre o todo e não apenas sobre a parte poderá, eventualmente, contribuir para a criação de um espaço de maior sensibilidade e espírito crítico nas interações entre alunos, professores, em sala de aula ou no espaço escolar.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS:

- Appadurai, A. (2005). *Modernity at Large: Cultural Dimensions of Globalization*. Minneapolis: University of Minnesota Press.
- Augé, M. (1998). *Não-Lugares: Introdução a uma Antropologia da Sobremodernidade*. Venda Nova: Bertrand.
- Bordo, S. R. (1992). The Body and the Reproduction of Femininity: A Feminist Appropriation of Foucault. In Susan R. Bordo e Alison M. Jaggard (Orgs.).

Gender/Body/ Knowledge. Feminist Reconstructions of Being and Knowing (pp. 13-33). New Brunswick: Rutgers University Press.

Dallery, A. B. (1992). The Politics of Writing (the) Body: *Écriture Féminine*. In Susan R. Bordo e Alison M. Jaggar (Orgs.). *Gender/Body/ Knowledge. Feminist Reconstructions of Being and Knowing* (pp. 52-67). New Brunswick: Rutgers University Press.

Foucault, M. (2001). *Surveiller et Punir: Naissance de la Prison*. Paris: Gallimard.

Herzog, A. e Kaufman, J. (eds.) (2005). *The Collected Poems of Muriel Rukeyser*. Pittsburgh: University of Pittsburgh Press.

Jay, M. (1994). *Downcast Eyes: The Denigration of Vision in Twentieth-Century French Thought*. Berkeley, Los Angeles, London: University of California Press.

Kukil, K. V. (ed.) (2000). *The Unabridged Journals of Sylvia Plath, 1950-1962*. New York: Anchor Books.

Laqueur, T. (1992). *Making Sex: Body and Gender from the Greeks to Freud*. Cambridge, Massachusetts: Harvard University Press.

Lupton, D. (1998). *The Emotional Self: A Sociocultural Exploration*. London: SAGE Publications.

Merleau-Ponty, M. (2001). *Phénoménologie de la Perception*. Paris: Gallimard.

Moi, T. (2001). *What is a Woman?* Oxford: Oxford University Press.

Perry, D. (1992). Procne's Song: The Task of Feminist Literary Criticism. In Susan R. Bordo e Alison M. Jaggar (Orgs.). *Gender/Body/ Knowledge. Feminist Reconstructions of Being and Knowing* (pp. 293-308). New Brunswick: Rutgers University Press.

Shilling, C. (2003). *The Body and Social Theory*. London. SAGE Publications.